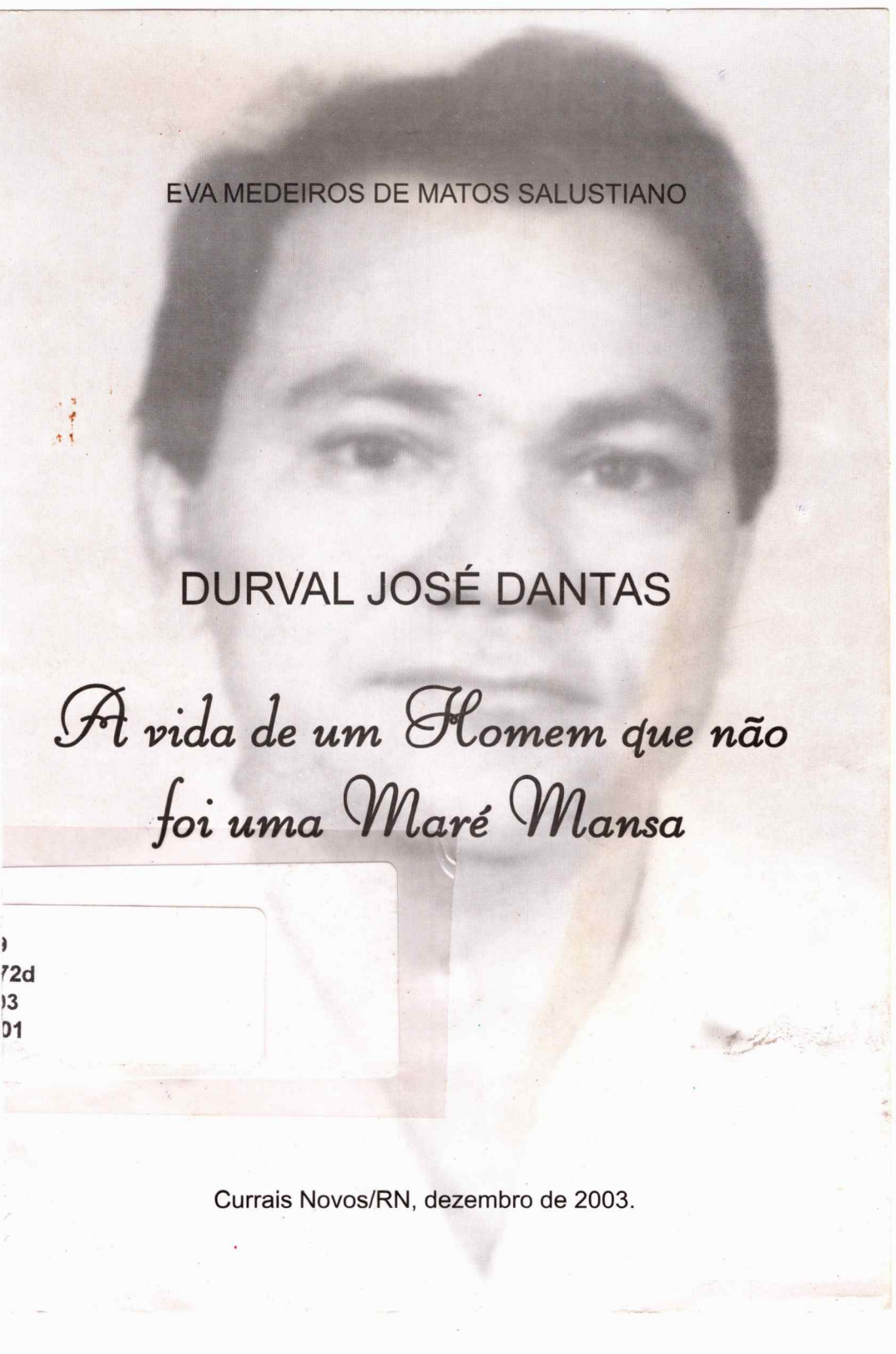


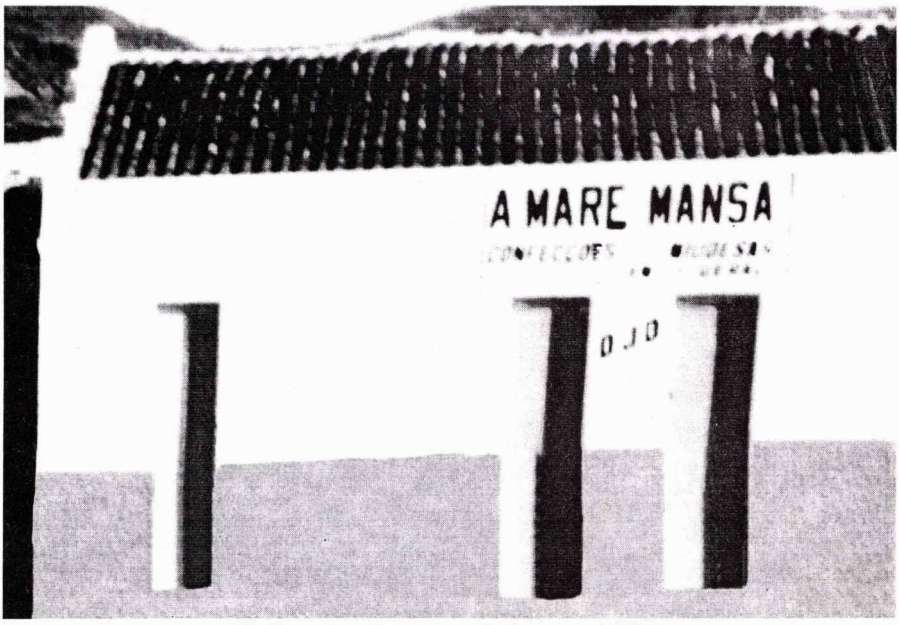
EVA MEDEIROS DE MATOS SALUSTIANO

DURVAL JOSÉ DANTAS

A vida de um Homem que não foi uma Maré Mansa

72d
03
01

Currais Novos/RN, dezembro de 2003.



2º Ponto Comercial, em 1972,
onde, hoje, funciona o BRADESCO

FARN

EVA MEDEIROS DE MATOS SALUSTIANO

DURVAL JOSE DANTAS

A VIDA DE UM HOMEM QUE NÃO FOI UMA MARÉ MANSA

Currais Novos/RN dezembro de 2003

Digitação e Produção textual:

Eva Medeiros de Matos Salustiano

Revisão:

Eva Medeiros de Matos Salustiano
Elisângela Tavares Dias

Impressão e acabamento:

Gráfica di Adelson

Diagramação:

Mathson Soares

Edição
2003

FARN

Existem homens que explicam as suas obras, como há obras que explicam seus autores. No caso do Sr. Durval é a vida que explica o homem. E é A vida de um Homem que não foi uma Maré Mansa.

RB-34.576
FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg. 000037
28/03/11
RN
929
S172d
2003
ex. 01

FARN

Dedico este livro aos meus pais, **José Francisco Dantas** e **Maria Avelina de Medeiros** (in memoriam), por tudo que me proporcionaram ao longo de suas vidas, mesmo com dificuldades, para que eu me tornasse a pessoa que sou.

FARN

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter dado-me uns pais, que mesmo ignorantes de estudo, estiveram sempre presente em minha vida, mostrando-me o caminho certo e eu o segui.

A Tânia, minha esposa, pela companheira fiel, dedicada e competente que é, e um dos impulsos do meu progresso, minha eterna gratidão.

A Thayse e Thiago, meus filhos, por tudo que representam para mim.

Aos meus *funcionários*, pela competência e responsabilidade, meu significado maior, porque, sem eles, jamais teríamos chegado onde estamos.

Aos meus familiares, que atuam também conosco nesta caminhada, minha gratidão profunda.

APRESENTAÇÃO

Lembro de Durval no início da década de 1970, ano 72, quando bem jovem e cliente dele, já no seu segundo ponto comercial. Era uma figura simples, discreta, com ares de gente do sofrido sertão nordestino.

E conhecendo melhor sua história de vida, através deste trabalho, pude encarná-lo na expressão **"Sertanejo é antes de tudo um forte"**, do escritor Euclides da Cunha, no clássico "Os Sertões". Possivelmente, não haja expressão mais bem definida a pessoa de *Durval José Dantas*.

Sua vida esclarece o *mistério* do sertanejo sofrido, figura que encontramos sempre nas ruas todos os dias e que lembra passagens como o fenômeno da seca. Ponto marcante do clássico "Vidas Secas", obra das mais lida, de Graciliano Ramos.

Confesso que me senti lisonjeada em relatar a história de vida deste homem, nordestino de Carnaúba dos Dantas que, sem nunca ter freqüentado os bancos escolares, é formado e pós-graduado pela escola da vida. E não esconde, de ninguém, sua história pessoal, pois até lembra aquelas de trancoso ouvidas na infância.

Homem-menino que foi de pau-de-arara para Goiás, vendido como escravo, para tentar uma sorte melhor; trabalhando na roça, dormindo sem conforto e arrancando "toco", como costuma dizer. E ao juntar algum dinheiro, voltou a cidade natal e montou um pequeno comércio. Iniciou como mascate, com a mercadoria no bagageiro de uma bicicleta, vendendo de porta em porta pelos grotões deste sertão.

Não dando certo, pegou o mesmo pau-de-arara e voltou para Goiás. Porém, desta vez, a sorte sorriu-lhe. Conheceu um comerciante e foi trabalhar com ele. Mostrando garra e disposição, aprendeu a arte do comércio e decifrou o alfabeto e a matemática.

Voltou para sua terra com uma definição em sua vida: não mais trabalhar na roça. Novamente como mascate, retornou aos grotões dantes visitados, porém com uma diferença: a mercadoria era transportada em lombo de jumento.

Visitou Currais Novos que, até então não conhecia. Gostou e montou aqui uma loja **"A Maré Mansa"**, mãe de outras filhas que nasceram ao longo de sua trajetória de luta.

Casou-se com uma caicoense que, segundo ele, só lhe trouxe benefícios. Com ela teve dois filhos, que também estão entrando no ramo do qual iniciou.

Eva Medeiros de Matos Salustiano, licenciada em Letras; Pós-graduada em Literatura; Prof. de Língua Portuguesa no "Instituto Vivaldo Pereira", em Currais Novos/RN.

ÍNDICE

A vida de um homem que não foi uma maré mansa..... 15

E o nome, como seria? 25

A vida de um Homem que não foi uma Maré Mansa



Sou filho caçula do casal José Francisco Dantas e Maria Avelina de Medeiros, naturais de Carnaúba dos Dantas/RN. Nasci no dia 26 de dezembro de 1942, no sítio Água Doce, desse mesmo município. Na época, minha mãe estava com 44 anos e o meu pai, 48. Eles tiveram 18 filhos, onde 10 dos quais morreram, ficando, portanto, 08. Entre eles 05 homens e 03 mulheres.

Minha infância foi diferente das de muitas crianças de minha idade. Morávamos num sítio pequeno e sem muitos recursos de trabalho. Quando eu tinha sete anos, meu pai fez a minha primeira enxada, bem pequena, para eu trabalhar na roça, pois, até então, eu só corria ao lado de minha mãe, que também não largou uma, ao longo de sua vida. Quando o serviço estava escasso, meu pai trabalhava alugado[1] em sítios vizinhos ou destinava-se a procurar minério nas serras próximas, uns 06 Km de Carnaúba. Ali, nos riachos, podia-se encontrar colombita minério preto; scheelita e berilo, que é extraído do cristal.

Nunca estudei, porque não tive oportunidade. Para isso, precisava-se descer até a cidade, pois não havia escola por perto. Às vezes, quando tinha, o horário era pela manhã e o meu pai não me soltava de jeito nenhum. Na época, os pais eram duros e o valor mesmo estava no trabalho, o que se fazia o dia inteiro com a enxada, para ser reconhecido como bom filho. Como era bastante rigoroso ao me indicar uma tarefa a ser cumprida, muitas vezes fazia além do pedido para não receber um carão. O que era diferente com meus irmãos, que por vezes não levava a sério.

E o roçado, sendo muito pequeno, não favorecia trabalho pra todos. Então, meus 03 irmãos mais velhos saíram

[1] Alugado: significa trabalhar para outras pessoas.

de casa muito cedo à procura de emprego. Destinaram-se para o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas. Posteriormente, as mulheres também seguiram seu rumo para Natal, como domésticas. Por lá se casaram e nunca mais voltaram para Carnaúba.

Assim ficamos meu pai, minha mãe, um dos meus irmãos menores e eu. E como eles, além do roçado, também enfrentava o minério, quando podia, apesar da idade.

Na época do inverno, o roçado era entregue a minha mãe e eu sempre estava ali, ao seu lado. Na seca, eu ia para o minério com meu pai. Então, nas segundas-feiras saíamos cedo com a comida num saco: rapadura, feijão macassa[2], farinha e batata, que se comia assada. Para isso, fazia-se um buraco no chão, cobria-se com areia e punha brasa em cima. Dormíamos em baixo de alguma planta maior e comíamos sob a sombra de outras.

Lembro que, com 06 ou 07 anos, saía para o roçado, a enxada ficava lá, em um canto, e eu corria aquilo tudo num cavalo de pau.

Quando eu tinha 12 anos a barra continuou mais difícil. Meu pai, já mais velho e doente, tinha dificuldades de exercer as tarefas do cotidiano e meu irmão, mais velho que eu, 05 anos, falava em ir embora como os outros. Então, sentia-me quase na obrigação de assumir a responsabilidade da casa e passei a trabalhar de alugado para quem me chamasse. Sofri muito, porque, sendo uma pessoa de pouco físico, esforçava-me para acompanhar o trabalho com os outros. Uma saca de 70 quilos de arroz, por exemplo, era muito pesado e eu tinha que carregar nas costas. Se não, eu nunca iria sair da roça.

Em 1958, foi uma época de seca muito grande. E meu irmão resolveu, como os outros, seguir seu rumo para Minas Gerais. Vi que havia chegado a hora de assumir, de vez, a responsabilidade da casa. Eu contava com 15 anos de idade e destinei-me ao trabalho da emergência, o que durou um ano. Passamos esse período comendo feijão preto, com gosto de querosene, vindo do governo. Não cheguei a comer xiquexique assado como outros fizeram, pois tínhamos uma vantagem: no

[2] Feijão Macassa: Feijão-de-Macassar

nosso sítio havia um rio o que nos favorecia o plantio de batatas que servia para o ano inteiro, como também o feijão macassar.

O ano seguinte, também foi muito difícil para mim. Passei-o praticamente fora, em Cuité/PB, arrancando mato nos agaves e, em Santa Cruz apanhando algodão. Foi difícil, porque fiquei rodando em busca de trabalho. Cuité, Barra de Santa Rosa, Picuí. Onde tinha serviço eu ia com um tio meu, companheiro de trabalho, chamado Tiné. Enfim, a vida era roçado x minério e vice-versa.

Trabalhávamos de segunda ao sábado e a feira de Carnaúba era aos domingos. Se tivéssemos o dinheiro, comprávamos na feira livre. Se não, íamos fazer fiado na bodega do Sr. Gregório Pacífico - ex-vizinho de sítio e que estava estabelecido com uma venda na cidade - pessoa que muito nos ajudou quando precisamos.

Depois da compra feita, púnhamos num saco e meu pai dava-me um pão doce para eu comer, o que era de direito. E muito feliz, voltava com ele para o sítio.

Em 1962, a coisa complicou mais ainda e eu já estava desesperado. Trabalhava no minério, o que já não dava quase nada. Então, eu soube que havia um pau-de-arara com destino a Goiás. Cheguei para meus pais e falei:

- Vou para Goiás, trabalhar, ganhar dinheiro para vê se tem uma melhora pra gente.

Porém, eles não queriam que eu me ausentasse, pois a saúde de meu pai continuava ruim. Lá, estavam dois dos meus irmãos, já casados e empregados em fazendas.

O pior de tudo era o dinheiro que não tinha para comprar a comida necessária na viagem, coisa que nem em casa havia também. Quanto à passagem, não me preocupava, pois bem sabia que o motorista recebia dos fazendeiros na nossa chegada, lá.

Zé Bolim era a pessoa que conduzia o pau-de-arara. Era mês de julho, e ele sairia no domingo, à tarde. Eu trabalhei até o sábado, no minério. Somente aí é que comuniquei aos meus pais que viajaria no dia seguinte. Até então eu não havia falado com o motorista da minha certeza. Saí a procura dele, cheguei, falei-lhe que não tinha o dinheiro da feira e ele disse:

- Não tem problema. Conheço vocês e sei que são direitos. Então, levo você, banco a comida no caminho e depois você me paga.

- Está bom. - Respondi.

Voltei para casa e confirmei aos meus pais da minha ida. Apreensivos e chorando muito, acataram a decisão com recomendações. Então, fui dormir na rede rasgada e remendada, única que tinha. No domingo, bem cedo, levantei para que minha mãe pusesse outros remendos sobre os já existentes e a mesma ficasse mais resistente, pois bem sabia que, na maioria das vezes, as dormidas seriam embaixo de plantas, porque, nem sempre, os postos de gasolina possuíam um canto para nos acolher.

À tarde, despedi-me de meus pais e saí com um saco - de usarem açúcar - nas costas onde continha: uma rede remendada, um lençol e dois pares de roupa que eu tinha. Mala não existia, pelo menos para mim.

Fui para Carnaúba, cheguei no caminhão, pus o saco num banco, sentei em cima e fiquei esperando a hora de sairmos. Depois, um colega meu, Zé de João, vendo-me, não acreditou em minha viagem, indagou:

- Você vai mesmo para o Sul?

- Vou. - Respondi encabulado.

- Vai não! Cadê a mala? - Perguntou com ar de deboche.

Levantei, mostrei o saco e ele acreditou. Ainda hoje, quando nos encontramos, lembra dessa passagem.

Foram quinze dias de viagem até Goiás. Quando chegamos próximos a Uberlândia e Ituitaba, havia fazendeiros nos esperando. Descemos, escolheram quem queriam, um puxou-me, pagou a passagem e as despesas de alimento que eu havia consumido. Dei sorte, porque um dos meus irmãos trabalhava com ele, na fazenda Campo Grande, em Bom Jesus de Goiás. Chorei muito nos primeiros dias lembrando de casa. Dormia em chatão - galpão onde os peões ficavam. As camas eram uma grade, um giral, com colchão cheio de palha de milho. Muito duro por sinal. Todos dormiam no mesmo lugar, independente do tempo de atividade que se tinha ali. O resto era

trabalho da segunda ao sábado e o Domingo era para lavarmos nossas roupas.

Logo que cheguei, fui arrancar toco na mata virgem com enxadão e machado. No primeiro ano, toquei meio arqueiro[3] de chão e perdi 50% da lavoura. Trabalhava-se na época da colheita e a produção era dividida ao meio. O pedaço que a mim cabia cultivar estava envolvido em todo o trabalho da fazenda. Ali, fiquei por dois anos. Saí, porque o ganho era pouco em virtude da colheita não bem sucedida e tinha que mandar para casa.

Fui para Minas Gerais trabalhar numa fazenda chamada Rio Arantes - rio próximo a Quirinópoles. Toquei roça também por dois anos. No último, saldei um pouco mais de dinheiro e voltei para Carnaúba.

Em casa, encontrei as coisas ainda piores. Procurei saber das contas na mercearia do Gregório e acertei tudo. Graças a Deus que deu para pagá-la. Fiquei a pensar o que fazer a partir dali. Na roça não queria mais, porque tinha vindo do Sul, com dificuldades e as mãos calejadas, e continuava sem nada. Então, veio-me a idéia de negociar. Aluguei uma bicicleta, fui a Parelhas e com o dinheiro que sobrou, comprei um pouquinho de miudezas. Fiz um caixote, pus no bagageiro dela e saí vendendo pelos sítios, nas serras de Picuí, Nova Palmeira, Pedra Lavrada e outras. Passei seis meses trabalhando nesse ramo e deixei, porque eu andava mais a empurrá-la do que em cima dela. E, com isso, o dinheiro continuava empatado, ou seja, o lucro que eu deveria ter, ficava nos vidros de óleo que se quebravam no caminho, com a trepidação, e nas agulhas que eu perdia também.

Resolvi voltar para Goiás, porque, nesse ínterim, meu irmão Francisco, que saiu por último, havia voltado para casa, ainda solteiro, o que seria companhia para meus pais. Acabei com a miudeza e no mesmo pau-de-arara regressei. Lá, fui para Ituitaba onde encontrei Modesto, conhecido nosso de Carnaúba dos Dantas, coincidentemente na pensão São Pedro. Fui para casa dele onde trabalhei um ano, também na roça, porque ele

[3] Meio arqueiro: equivale a meio alqueire de chão.

resolveu vir morar em Currais Novos com a família.

De lá, fui para Cachoeira Dourada, onde encontrei um senhor chamado Joca da Cobra, conhecido de Parelhas, que me chamou para ficar na casa dele. Ali, eu seria servente, ou seja, faria os mandados do comércio que tinha. Seria o que chamamos hoje de Office boy. E nesse processo passei quase um ano, porque a loja de tecido cresceu e ele me pôs atrás do balcão. Como não sabia ler nem escrever, à noite, Inácia, a esposa dele, que era professora, sentava a mesa comigo e ensinava-me as quatro operações de matemática. Como também, a ler, o que sei pouco.

Trabalhei três anos e o que ganhava era pouco, porém tinha todo o apoio, pois comia e dormia lá. Era como se fosse um filho e, além disso, aprendi a arte do comércio. Então, resolvi mais uma vez voltar para casa. Peguei meu saldo e vim para Carnaúba dos Dantas. Com o que trouxe, paguei novamente as contas do meu pai e fiquei com um dinheiro equivalente ao preço de uma bicicleta. Falei que não ia mais para roça e tentei o comércio outra vez. Isso no início de 1971.

Fui a Campina Grande e comprei 100 pares de chinelas japonesas, as mais populares como: Cariri e Do pé, e passei a vendê-las nas feiras livres. A marca Havaiana, na época, era caro. Então, eu abria uma lona no chão e espalhava a mercadoria. Em Acari aos sábados; Carnaúba aos domingos e Parelhas as segundas-feiras. Toda semana eu voltava a Campina Grande para comprar mais.

Meu pai tinha um jumento velho e cansado, que nem lembro o nome do coitado. Única arma do momento para o meu negócio. Certo dia, pus dois caçuás[4] nele e resolvi vender a mercadoria nos sítios durante a semana, porque no final e início, ia para as cidades. Passei a visitar as regiões da época da bicicleta com as miudezas, no caso Cobra, hoje, Povoado Santo Antônio, Coruja, Corujinha, Ermo. Era um sofrimento. Eu saía com o companheiro de manhã cedo, passava três dias andando nas serras, sem me alimentar, porque para o almoço ninguém

[4] Caçuás: cesto grande oblongo, feito de cipós rijos, vime ou fasquias de bambu, com aselhas, pelas quais se prende às cangalhas, e usado no transporte de gêneros em alimárias.

me chamava. No jantar era mais fácil, pois sempre eu dormia na casa de alguém. Lembro bem de Pedro Lúcio e Zé Azevedo, na Coruja, que sempre me apoiaram na dormida. Gente muito boa, cuidadosa comigo e com o jumento também. Mas, além do cansaço e da fome que assolava meu estômago, encontrava sempre alguém que ria de mim por eu ser jovem e andar tangendo um velho jumento vendendo sandálias. As moças das casas as quais eu visitava, caçoavam na minha cara. Porém, não dava importância, porque eu queria vender a mercadoria que levava. Por outro lado, ficava satisfeito quando meu companheiro fazia suas necessidades no terreiro delas para as mesmas apanharem. Era divertido.

Às vezes, as pessoas queriam uma mercadoria, não tinham dinheiro e eu a trocava por galinhas, comprava outras, e as vendia na cidade. Até porco entrava na jogada. Um dia, eu recebi um fole em troca de outros objetos. Não sabia tocar, mas ganhei dinheiro com ele. Cheguei em Carnaúba, troquei-o por uma porção de redes boas, do Ceará, o que foi melhor. Passei metade desse ano nesse processo. Como meus pais não podiam mais trabalhar na roça e meu irmão já havia casado e morava em Carnaúba, resolvemos vender o sítio e compramos uma casa pequena na cidade, porque o dinheiro não dava para uma maior.

Em novembro de 71, vim a Currais Novos, pois não a conhecia ainda. Aqui, encontrei novamente Modesto - o pai de Toinho contador - , que trabalhava de vigia no INPS da cidade. Ele me animou para fazer a feira daqui também. Então, larguei Parelhas e vim pra cá.

Com umas duas semanas de atividade, encontrei um quartinho colado numa casa, ao lado esquerdo do cemitério Sant'Ana, hoje, Av. Sílvio Bezerra. Perguntei a Modesto a quem pertencia e ele me falou que a Zé Pequeno, marchante.

- *Será que ele aluga para eu botar um comércio?*

- *Acho que sim.* - Respondeu.

Dirigi-me ao dono e aluguei-o por $20 cruzeiros. Aí, abri o ponto, amarrei cordas em três paredes e pendurei as chinelas e na semana não fui mais vender ambulante. Nesse mesmo ano, no final de novembro e início de dezembro, fui no escritório de

Irapuan para ele abrir uma inscrição, o que continua sendo meu contador até hoje.

Eu tinha um amigo, José Abdon, que possuía uma loja, também pequena, em Parelhas e ele me ajudava, dividindo a mercadoria comigo. Exemplo: Havia 04 camisas. Mandava-me 02 delas e, o mesmo, fazia com outros artigos dos quais me cobrava uma pequena comissão, e eu o pagava quando os vendia.

Depois, comecei a ir com ele em Campina Grande e Recife, pois já havia me afiançado nos lugares onde costumava comprar roupas.

Tempos depois, pensei misturar com outras coisas. Em Carnaúba, Zezinho, um primo meu, tinha uma loja de miudezas e afiançou-me na "Casa Sem Nome", em Caicó. Prateleira eu não tinha para pôr a mercadoria, mas sabia de uma que estava encostada na casa de Zé Araújo - Zé das Peças - , e tomei-a emprestada, o que a me deu. Em seguida, trouxe Congas, Quichutes pro colégio e outros artigos, que contribuíram no aumento do capital.

Resumindo: Modesto foi muito bom para mim, porque me deu apoio na casa dele. Eu dormia no quartinho, sem banheiro, mas fazia as refeições em sua residência, durante um ano enquanto eu me estruturava. Depois passei a comer na pensão de dona Bebé, na Tomaz Silveira, perto do Mercado Público.

E o nome, como seria?

Quando eu morava no Sul, os companheiros e eu, sempre escutávamos a rádio Tupi, do Rio. E lá havia uma loja com muitas propagandas nas rádios e humorista que fazia piada. Então, à noite, sempre ouvíamos aquilo: "A Impecável Maré Mansa". Entretanto, fiquei com isso na cabeça, porém sem nunca imaginar que um dia abriria uma para mim. Então, quando vim para cá, e já com o ponto aberto, um dia conversando com José Silva, locutor falecido da rádio Brejuí, hoje Currais Novos, ele falou:

- *Rapaz, vamos fazer uma propaganda da loja!*

- *Vamos.* - Respondi.

- *E o nome, qual vai botar?*

- ***A Maré Mansa***. - Saiu impensadamente.

-Então, mande pintar na parede que já vou anunciar na rádio. - Disse.

Fiquei surpreso no momento por tanta euforia, mas graças a Deus foi um nome que deu certo. Houve momentos que, quem escutava a rádio Tupi, pensava ser uma filial de lá.

Em 1972, comprei um fusquinha velho com muitos furos embaixo. Passei a viajar para Campina Grande e de madrugada eu saía na frente do ônibus pegando passageiro com o propósito de ajudar nas despesas. Quem ia uma vez, outra não ia mais, de jeito nenhum, pois era estrada de chão e a poeira era inevitável. Na volta, o carrinho vinha cheio de chinelas.

Nesse mesmo ano, mudei-me para um outro ponto, no prédio onde hoje é o BRADESCO, na lateral, que também dá para o cemitério Sant'Ana. Ao meu lado direito, na esquina com a João Pessoa, ficava "O Mundo dos Móveis", de Francisco Inácio. Ali, a loja era maior e as vendas cresciam.

Em 1973, já me sentia consolidado, pois a tendência era de melhoras. Um dia, em uma das visitas feitas aos meus pais, em Carnaúba, procurei Antônio Marcelino - *Galego* -, um amigo, que morava no sítio vizinho ao nosso, o qual vendemos, onde havia um rio que passava entre eles. Lá, encontrei-o na roça

limpando o mato e eu lhe perguntei se não tinha vontade de trabalhar no comércio. Afirmou que sim, porém disse-me que não tinha condições financeiras.

- *Mas, você tem alguma coisa que possa ser vendida?* - Perguntei.

- *Tenho apenas um boi velho, de capinadeira.* - Respondeu

- *E o valor?* Aí falou, só não lembro quanto.

- *Se eu arrumar um ponto em Santa Cruz, você tem coragem de ir pra lá?*

- *Sim.* - Respondeu firmemente.

Então, aluguei um e logo lhe propus sociedade. Ele vendeu o boi para preparar a documentação da firma e eu fornecia a mercadoria, dividindo um pouco das que tinha. Passei a administrar a loja, o que cresceu bastante.

Nessa época, eu já não me preocupava tanto com meus pais, porque meu irmão, que morava na cidade, tomava conta deles, mas eu não deixava de dar-lhes assistência.

Tempos depois, tomei conhecimento que Zé Damasceno tinha uma loja na João Pessoa, onde fica "A Marial Modas", e estava entregando o ponto a Tomás Lulu. Aluguei o prédio velho, antigo. Ali eu cresci mais, pois o mesmo abria também para a Laurentino Bezerra. Eu dormia lá mesmo, porque usava uma parte como residência. Passei a introduzir alumínio[5], a mercadoria existente. Era uma miscelânea. Só não havia tecidos.

Mesmo com a loja aqui, eu fazia a feira aos domingos: São Vicente, Florânea, Campo redondo, Cerro Corá, sempre numa cidade diferente. Nas décadas de 70 e 80 foram as que mais trabalhei. De sábado a Domingo.

Posteriormente, quase vizinho, surgiu um ponto maior, de Amadeu Venâncio, onde, hoje, fica a Styllus Móveis, que também era de um lado ao outro da rua. Aluguei-o e passei vários anos lá.

Em 1978, minha mãe faleceu e eu me senti muito só, interiormente, pois sempre fui muito ligado a ela. E em 82, foi a

[5] Alumínio: utensílio doméstico.

vez de meu pai, que por coincidência, a diferença de idade entre eles era igual a de morte, pois quando ele nasceu, quatro anos após, minha mãe apareceu.

Mas, em meio a tantas coisas, a loja de Santa Cruz estava de vento em popa. Entretanto, precisei desfazer-me da sociedade, porque conheci Tânia, minha esposa, em janeiro de 1979, numa visita que fiz a Caicó. Eu estava no Itans e ela se encontrava com a mãe dela também. Dei-as uma carona para cidade a qual eu havia programado passear. Conversamos, namoramos e com cinco meses casamos. Ela com 18 anos e eu 36. Foi rápido. Apesar da diferença de idades, deu muito certo.

E, por outro lado, meu sócio tomou a mesma atitude - casar-se também. Mudamos a razão social, porém permiti que o nome da loja "A Maré Mansa" permanecesse.

Para mim, as coisas tenderam a crescer, pois, se solteiro eu era seguro, depois de casado mais ainda. Começamos com uma vida simples e a primeira casa em que moramos foi de Emídio, perto da coletoria. Bem pequena. Depois viemos para uma, também alugada, perto de Antônio de Deus e, em 1981, comprei uma, na rua Dr. Othon Filho, onde estamos até hoje, graças a Deus.

Em 1986, o dono pediu-me o prédio da João Pessoa. Apesar de encontrar-me mais estruturado, não esperava que eu fosse sair tão cedo.

Na Lula Gomes havia um terreno com uma placa de venda, onde funcionava "A Casa Velha" - casa de danças. Procurei saber de Medeiros Lula e comprei-o. Pedi um tempo a Amadeu e fui construir o meu prédio. Em 1987, mudamos-nos pra lá e estamos até hoje, também, graças a Deus.

Às vezes eu rio quando dizem que tirei a Sorte na Loteria. E a história surgiu quando construí, justamente, o prédio que ora estamos. Porém, confesso que nunca joguei nada em minha vida: sinuca, baralho, loteria. Jogo de bicho? Tenho até raiva. É tanto, que tenho uma irmã que gosta e quando vem para minha casa digo-lhe:

- *Olhe, aqui dentro de minha casa não quero nem pensar em trazer alguém para fazer jogo de bicho, pois tenho até medo de dar azar.*

Na época em que surgiu a conversa do prêmio lotérico,

em Currais Novos ainda não havia a casa do jogo. Joaquim da Paulista era quem o fazia das pessoas que queriam e levava para Recife. E por sermos vizinhos de loja, era muito amigo dele e até que me oferecia a sorte, mas nunca joguei. E um dia, brincando comigo falou:

- *Durval, como é que o povo diz que você tirou na Loteria, se nunca jogou comigo e sei que não joga com ninguém?*

Levei na brincadeira, pois, nesse sentido, não havia explicação. O certo é que em toda minha vida fui um rapaz muito seguro. Como já falei, dormia dentro da loja e comia na casa do povo. Em tudo eu fazia economia, pois mesmo solteiro e sem despesas, precisava ajudar aos meus pais.

Na verdade, a minha SORTE veio aos 07 anos, quando não tive infância nem oportunidade de estudar e meu pai presenteou-me com uma enxada, o que se prolongou até os 29 anos de idade: na roça, no minério e passando fome. Entretanto, sou feliz porque, ao longo de minha vida, cresci trabalhando com honestidade, inteligência, dignidade, respeito. Coisa que aprendi com ele. Há pessoas que não sabem medir distância entre o que ganha e o que gasta. Eu sempre soube fazer isso, desde pequeno. Preferi andar a pé e negociar, a comprar uma bicicleta e não ter o que comer.

Enfrentei muitas dificuldades, barreiras, com outros comerciantes fortes na época em que iniciei. Às vezes, as pessoas pensam que é fácil. Eu trabalhava com calçado e roupa e aqui havia várias lojas com o mesmo produto: *Gregório, A Sertaneja, Casa Régio*... A minha competição era difícil. Mas, como minhas despesas eram menores, corri na frente. Eu trabalhava seguro e não vendia mercadoria barata - *Essa foi a diferença!* Não jogava fora para comprar mais caro. As pessoas chamavam-me de careiro e eu me segurando. Até que o careiro ficou e estou aí, até hoje, graças a Deus.

Vendas no crediário, apostar no povo, tudo fiz diferente. Se não vender fiado, não vende. Eu confiava nas pessoas e o que ganhava, aplicava no Banco.

Em 1983, abri a primeira loja fora de Currais Novos. Em Caicó, *Primavera Confecções*, com roupa e calçado. E, em seguida, vieram as de Carnaúba dos Dantas, Acari, Jardim do

Seridó e Parelhas com o mesmo nome da matriz. Recentemente, outras duas foram abertas em Caicó: *Primavera Móveis*, com produtos populares, e *Casa Bela*, com artigos mais refinados de móveis e eletrodomésticos.

Confesso que Tânia foi minha companheira em tudo. Fiquei na parte administrativa e compras de móveis e ela na financeira e compras de roupas e calçados. Ela é uma pessoa que só me trouxe benefícios. O homem só cresce se tiver uma mulher boa ao lado. Costumo dizer que a minha vida foi traçada desde pequeno. Eu trouxe uma sorte muito grande mesmo: primeiro, por ter vencido no ramo do trabalho; segundo, por tê-la escolhido para esposa.

Tenho uma filha com 22 anos, a Thayse e um filho com 19, o Thiago. Nós os criamos mostrando-lhes o lado difícil e o fácil da vida. Com 15 anos, mandei-a estudar em Natal, o que faz Administração, pela Federal e concluirá em 2004. É uma pessoa muito responsável e apostei nela. Quando fez 18 anos, pus duas lojas de calçados lá. Uma no Shopping "Cidade Jardim" e outra no CCAB Norte, na Afonso Pena. E estou vendo resultado. Agora, casada, estou prestes a realizar um outro sonho: o de ser avô.

Meu filho estuda pela manhã e, à tarde, ajuda na loja, aqui, desde os 18 anos. Espero o mesmo dele também. Sou feliz, graças a Deus, e não posso reclamar de minha família.

Lembro quando eu era pequeno e que, à noite, rezava um terço ao lado de minha mãe, de joelho. Ela era devota de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e pus na cabeça que seria também. E permaneço.

Quando fiquei rapazinho continuei com o mesmo ritual, o que ainda faço. E nos momentos, agradecendo à Santa e a Deus pela sorte que me foi concedida e concretizada em Currais Novos e, apesar de não ter estudos, saber defender-me em todos os sentidos: tanto no comércio, como pessoal, sempre sabendo respeitar. Só não sei falar direito, porém já viajei bastante e visitei 18 países.

Repito, não tive infância, não estudei, mas Deus deu-me uma coisa boa na vida: um pai e uma mãe que me ensinaram a ser direito, honesto, trabalhador e o que ganhasse, soubesse

segurar, aplicar no que fosse preciso. Nunca estragar, porque meu pai era assim. Aprendi com ele, segui o caminho e deu certo. Se eu tivesse tudo nas mãos, talvez eu não fosse o que sou hoje. Tudo que faço, invisto com segurança e inteligência. Graças a Deus, nunca errei nada.

Não acredito em jovem sem trabalho, pois não vai a lugar nenhum. Pode ter estudos até demais, mas sem trabalho não dá. Se tiver 17, 18, 20 anos e não trabalhar é muito difícil aprender depois.

Digo sempre que a pessoa tem que começar por baixo, para poder dar valor, lá na frente. Se começar por cima, geralmente acaba, porque não valoriza. E para quem tem mais condições o cuidado deve ser redobrado.

Hoje tenho condições financeiras boas, graças a Deus, mas, no que vou fazer, tenho o cuidado de começar por baixo.

Ao meu filho, dei primeiro uma bicicleta, depois uma moto para chegar num carro.

Quanto ao meu amigo de Santa Cruz, que é mais novo que eu 10 anos, chama-me de pai. Hoje, possui três lojas: 01 de roupa e calçado e 02 de móveis e eletrodomésticos. É um grande empresário, que impulsionou Chico, um outro irmão dele, também da roça, e que, hoje, encontra-se com 03 postos de gasolina na região de São Paulo do Potengi e uma loja de confecção e eletrodomésticos. Ambos usam o mesmo nome da matriz, porém com a razão social deles. Não me incomodei, pois queria que tivessem a mesma *sorte* que eu. Graças a Deus cresceram.

E, o meu irmão Francisco, quando veio de Goiás, tentei diversas vezes pô-lo no comércio, em Carnaúba dos Dantas, com uma lojinha, igual a que fiz com meu amigo em Santa Cruz. Com ele, fiz até mais, porém não teve sorte, não cresceu. O que vendia fiado perdia. Quando percebi que não tinha tendência para o comércio deixei-o, pois tive prejuízo. Hoje, com a esposa, são aposentados. Continuam a morar em Carnaúba e cuida de um sítio, herança dela, onde cria alguns bichos.

Confesso que **A Maré Mansa** cresceu com todos trabalhando juntos: eu, minha esposa, meus filhos e, acima de tudo, *meus funcionários*. Porque, sem eles, jamais teríamos

chegado onde estamos. Aqui, em Currais Novos, atuam cerca de 30. Tenho deles, com 20 anos de trabalho vestindo a camisa da loja. Acho que ao todo, umas 75 famílias trabalham comigo, pois a maioria deles é casada. Digo que eles são tudo para mim, pois são responsáveis e compromissados. Funcionário sendo bom é como filho que se tem. Os mais antigos eu os considero. Aos mais recentes, preciso conhecê-los melhor. Mas, na hora que precisam, não há diferença. Estou pronto para ajudá-los. Acredito nunca haver faltado a nenhum.

Contudo, ao final da história, minha "SORTE GRANDE" concretizou-se em Currais Novos. Não na Casa Lotérica.

Durval José Dantas.



A loja atual, na Lula Gomes

F000377